



11ª Jornada Científica e Tecnológica do IFSULDEMINAS

& 8º Simpósio de Pós-Graduação

IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA CÃO COMUNITÁRIO COMO ESTRATÉGIA DE MANEJO DE CÃES ERRANTES NO CAMPUS MUZAMBINHO

Isaac B. M. RIBEIRO¹; Ana L. S. ZAMPAR²; Biatriz M. REIS³; Aline A. Nicola⁴; André L. CORREIA⁵; Paulo V. T. MARINHO⁶; Elói S. PORTUGAL⁷; Fernanda C. CHACAR⁸; Geórgia M. MAGALHÃES⁹; Priscila L. ROSA¹⁰; Rodrigo, C. FELÍCIO¹¹; Juliana T. ALMEIDA¹²; Diana C. ABRÃO¹³

RESUMO

A superpopulação de cães errantes pode ocasionar diversos problemas, como a redução de populações de animais nativos, contaminação do ambiente, acidentes de trânsito, ataques e mordidas, transmissão de zoonoses e maus tratos aos próprios animais. Desta forma, a implantação de um programa de controle populacional de cães é de suma importância na promoção da Saúde Única (*One Health*). Objetivou-se desenvolver um programa de manejo populacional humanitário de dez cães não domiciliados presentes no *Campus* Muzambinho do IFSULDEMINAS seguindo-se o protocolo validado por Almeida (2017). Todos os animais foram identificados, castrados, desverminados e vacinados. Instalaram-se abrigos e passou-se a fornecer ração *premium*. Além disso, foram realizados trabalhos de conscientização sobre zoonoses e bem-estar animal. Com a implementação do programa houve uma melhora na qualidade de vida dos animais e sua relação com a comunidade do *Campus*. Considerando-se o custo benefício da implantação do programa cão comunitário, o método utilizado mostra-se viável a médio-longo prazo.

Palavras-chave: Bem-estar animal; Guarda responsável; Interação cão-humano; Saúde única.

1. INTRODUÇÃO

O Brasil possui a segunda maior população canina do mundo, correspondendo aproximadamente a 52,2 milhões de cães (IBGE, 2015). Características sociais como baixos níveis educacionais e de saneamento associadas à carência de consciência sanitária por parte da população e à negligência do poder público originam um grande quantitativo de cães não domiciliados (VIEIRA et al, 2006), estimado em 20 milhões de cães vivendo nas ruas, sem controle direto por uma pessoa e sem restrição para andarem livremente (WAP, 2016). Estes animais geram diversos problemas relacionados à poluição ambiental, acidentes de trânsito, agravos por mordeduras, transmissão de zoonoses, além de maus tratos aos próprios animais (ALVES et al., 2005).

Desta forma, o desenvolvimento de zonas de manejo de cães (onde são mantidos cães comunitários controlados) e a disseminação de conceitos de guarda responsável (ICAM, 2008; WAP, 2016) são de suma importância para a promoção da saúde única.

1,2,3,4 Discente de Medicina Veterinária, IFSULDEMINAS – *Campus* Muzambinho. E-mail: isaacbuscarattiribeiro.vet@gmail.com¹; liviazampar3@gmail.com²; biatrizmoren@hotmail.com³; aline.nicola@gmail.com⁴;

5,6,7,8,9 Docente de Medicina Veterinária, IFSULDEMINAS – *Campus* Muzambinho. E-mail: andre.correia@muz.ifsuldeminas.edu.br⁵; Paulo.marinho@muz.ifsuldeminas.edu.br⁶; eloi.portugal@muz.ifsuldeminas.edu.br⁷; Fernanda.chacar@muz.ifsuldeminas.edu.br⁸; georgia.magalhaes@muz.ifsuldeminas.edu.br⁹;

10,11,12 Médicos Veterinários do IFSULDEMINAS – *Campus* Muzambinho. E-mail: priscila.lopes@muz.ifsuldeminas.edu.br¹⁰; rodrigo.felicio@muz.ifsuldeminas.edu.br¹¹; juli_tozzi@hotmail.com¹²;

13 Orientador, IFSULDEMINAS – *Campus* Muzambinho. E-mail: diana.abrao@ifsuldeminas.edu.br¹³

Tendo em vista que o *Campus* Muzambinho do IFSULDEMINAS sofria com a presença de uma população de cães não controlada, objetivou-se desenvolver um programa para o manejo destes animais, a fim de prevenir e reduzir a transmissão de doenças, de acidentes de trânsito e estabilizar a população de cães lá soltos a médio prazo.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia do projeto foi adaptada de Almeida (2017), que descreve um protocolo de implantação do programa “Cão comunitário”. De agosto de 2018 a julho de 2019 os animais errantes presentes no *Campus* Muzambinho foram avaliados e, após a realização de triagem, cadastramento e avaliação médico veterinária, dez animais foram identificados com perfil de comunitários. Animais que estavam hígidos foram vermifugados, vacinados, castrados e identificados com coleiras, enquanto os que apresentavam algum tipo de enfermidade foram tratados antes dos procedimentos descritos acima.

Visando a proteção dos cães contra fatores climáticos, abrigos tipo casa foram escolhidos para serem instalados em setores do *Campus*, levando em conta o local onde cada cão costuma ficar.

Passou-se a fornecer ração *premium* como alimentação em locais e horários determinados, além de água a vontade, fresca e limpa.

Um levantamento acerca da percepção da comunidade acadêmica sobre cães comunitários foi realizado por meio da aplicação de um formulário *online*, o qual continha perguntas sobre a relação da pessoa com animais de companhia, sua opinião sobre castração, sobre a origem dos animais de rua, sobre os sentimentos que estes animais despertam em si, quem são os responsáveis pelo controle de cães de rua, grau de conhecimento sobre o conceito Cão Comunitário e se sentiam-se a vontade com a presença destes animais.

Este projeto foi aprovado pelo CEUA - IFSULDEMINAS sob protocolo número 028/2018.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram identificados no início do estudo 23 animais, sendo que desses, 11 (47,86%) residiam no *Campus* e 8 (34,78%) frequentavam o local esporadicamente. Dos animais residentes, 5 (45,45%) são fêmeas e 6 (54,55%) são machos, sendo todos (100%) sem raça definida (SRD); 8 (72,73%) foram classificados como médio porte e 3 (27,27%) como grande porte. Sobre o histórico de ataques, 5 (45,45%) perseguiam objetos em movimento; 5 (45,45%) atacaram outros animais e 1 (9,09%) atacou pessoas, sendo este, portanto, excluído do Programa Cão Comunitário.

Ao longo de 12 meses, todos os cães foram esterilizados cirurgicamente. Cinco (26,31%) foram atendidos devido a ferimentos em geral, 3 (15,79%) foram internados para tratamento de

erliquiose, um (5,26%) por trauma e um (5,26%) por atropelamento. Uma cadela prenhe foi abandonada no *Campus* em junho de 2019 e recolhida para cuidados com os filhotes, doação e posterior castração da cadela.

Existem diferentes métodos de identificação, nos quais incluem os métodos temporários/semipermanentes (coleira e plaqueta) e os métodos permanentes (microchip e tatuagem) (ICAM, 2008). O método de identificação utilizado nos cães comunitários do *Campus* Muzambinho foi uma coleira verde refletiva, a qual continha o nome do animal e informação quanto à castração e vacinação. O uso das coleiras, assim como os outros métodos, como forma de identificação apresenta vantagens e desvantagens. As vantagens estão na identificação visível, baixo custo, prontamente disponível, rápida e de fácil colocação. Já as desvantagens estão no fato de serem facilmente removidas, estarem sujeitas a diversas formas de degradação com o tempo e podem quebrar ou ficar presas, causando injúrias ao animal (WAP, 2008).

Os animais foram vacinados com dose única da vacina polivalente contra cinomose, adenovírus tipo 1 (hepatite), adenovírus tipo 2 (doenças respiratórias), vírus da parainfluenza canina, parvovirose canina, leptospirose e coronavírus canino e uma dose de vacina antirrábica, conforme preconizado por Newbury et al. (2018) nas diretrizes para vacinação de cães.

Visando a conscientização de alunos e funcionários sobre saúde pública e guarda responsável, realizaram-se campanhas no refeitório do *Campus*, local onde frequentemente ocorriam problemas relacionados à presença dos cães comunitários. Por meio de distribuição de folhetos informativos e abordagem dos frequentadores para sanar dúvidas e cartazes afixados no local, a comunidade passou a respeitar as normas sanitárias do refeitório e não alimentar mais os animais. Ainda, foram veiculadas campanhas por redes sociais e uma entrevista sobre maus tratos e guarda responsável publicada na página da instituição, além da realização de uma palestra aberta ao público e gratuita de uma professora especialista na área trazida da Universidade Federal do Paraná (UFPR) sobre diretrizes de bem-estar e senciência animal em março de 2019. Após a divulgação do Programa Cão Comunitário dois destes cães foram adotados.

Na pesquisa de opinião da comunidade acadêmica sobre os cães comunitários, 182 pessoas responderam, sendo 57,5% alunos, 23,5% professores e 19% técnicos administrativos. Um total de 168 (93,9%) disseram haver a presença de cães de rua em seu bairro e, destes, 167 responderam sentir pena e 160 ter vontade de ajudá-los. Para a maioria dos respondentes os animais encontrados nas ruas são originados de abandono (161 – 89,9%) ou possuem dono, mas ficam soltos nas ruas (65 – 36,3%). Um total de 72 pessoas (40,2%) nunca tinha ouvido falar sobre cão comunitário e 141 (78,8%) responderam que cuidariam ou ajudariam com fornecendo alimento, água ou abrigo. Gostariam de conviver e/ou colaborar com o projeto de cães comunitários no *Campus* Muzambinho

106 (59,2%) pessoas, enquanto 58 (32,4%) têm dúvidas se gostariam e 15 (8,4%) não gostariam.

4. CONCLUSÕES

Com a implementação do programa houve uma melhora na qualidade de vida dos animais por meio de intervenções tanto na saúde quanto na relação com outros cães e pessoas. Iniciou-se um processo de educação humanitária, de uma convivência harmoniosa da comunidade acadêmica com os cães, senso de responsabilidade coletiva, assim como a promoção de saúde pública e prevenção de dano ambiental e a outros animais. Considerando-se o custo benefício da implantação do programa cão comunitário, o método utilizado mostra-se viável a médio-longo prazo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J.T. **Adoção do Programa Cão Comunitário como estratégia adicional para o manejo populacional de cães.** 2017. 134 fls. Dissertação (Mestrado em Ciências Veterinárias). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

ALVES, M. C. G. P. et al. Dimensionamento da população de cães e gatos no interior do Estado de São Paulo. **Revista Saúde Pública**, v. 39, n. 8, p. 91-97, 2005.

ICAM. International Companion Animal Management Coalition. **Humane dog population management guidance.** 2008. Disponível em: <http://www.icamcoalition.org/downloads/Humane_Dog_Population_Management_Guidance_english.pdf>. Acesso em: 26 maio 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Pesquisa Nacional de Saúde. **Acesso e utilização dos serviços de saúde, acidentes e violências:** Brasil, grandes regiões e unidades da federação. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 100 p.

NEWBURY, S.; BLINN, M. K.; BUSHBY, P. A. C.; COX, B.; DINNAGE, J. D.; GRIFFIN, B.; F. HURLEY, K. F.; ISAZA, N.; JONES, W.; MILLER, L.; O' QUIN, J.; J. PATRONEK, G. J; SMITH-BLACKMORE, M.; SPINDEL, M. **Diretrizes sobre os padrões de cuidados em abrigos de animais.** Association of shelter veterinarians. São Paulo: PremieRpet®, 2018.

VIEIRA, A. M. L.; ALMEIDA, A. B.; MAGNABOSCO, C.; FERREIRA, J. C. P.; LUNA, S. L. P.; CARVALHO, J. L. B.; GOMES, L. H.; PARANHOS, N. T.; REICHMANN, M. L.; GARCIA, R. C.; NUNES, V. F. P.; CABRAL, V. B. **Programa de controle de cães e gatos do Estado de São Paulo.** BEPA. 2006. Disponível em: http://www.cve.saude.sp.gov.br/agencia/bepa25_rg7caes.htm. Acesso em: 7 maio 2019.

WAP, World Animal Protection. **Identification methods for dogs and cats.** 2008. Disponível em: <http://www.icamcoalition.org/downloads/Identification%20methods%20for%20dogs%20and%20cats.pdf>. Acesso em: 7 maio 2019.

WAP. World Animal Protection. **Humane dog management: better lives for dogs and communities.** 2016. Disponível em: <https://www.worldanimalprotection.org/sites/default/files/int_files/humane_dog_management.pdf>. Acesso em: 07 maio 2019.